



As Bem-Aventuranças
- um caminho de felicidade
para o nosso tempo?

Luciano Manicardi

Tradução: Rita Veiga

Caderno 22

Fundação Betânia

Outubro – 2012

www.fundacao-betania.org

As Bem-Aventuranças

- um caminho de felicidade para o nosso tempo?

Luciano Manicardi

Quem enuncia as bem-aventuranças?

O evangelista Mateus situa as bem-aventuranças no início do ministério de Jesus. No entanto, semelhantes palavras parecem mais adequadas a um momento mais adiantado da vida de um homem, porque são o fruto de um longo amadurecimento, de um longo trabalho interior. São palavras que, qualquer que seja o momento em que, historicamente, Jesus as proferiu – no princípio ou no fim –, requereram um longo período anterior de gestação, têm por detrás uma história interior e muito prolongada, e sobretudo muito profunda. Uma história invisível, realizada pelo homem interior. Quem é o homem que pode enunciar, ou antes, cunhar tais expressões? De onde podem nascer palavras tão densas como estas? As bem-aventuranças parecem-me uma revelação extraordinária sobre a vida interior de Jesus. Uma revelação daquele trabalho invisível, daquele trabalho do coração, sem o qual a vida é mera aparência e graças ao qual o próprio Jesus construiu quotidianamente a sua humanidade.

Estas palavras não são uma proclamação de valores, nem o enunciado abstracto de deveres a cumprir. Jesus não faz o elogio da misericórdia, nem diz que é necessário ser-se manso. Faz muito mais: afirma, e afirma tendo-o conhecido, experimentado e, portanto, já o sabendo, que os mansos são felizes, que os misericordiosos são felizes. Estas palavras são comunicação de algo vivido e de algo pensado, são o fruto maduro de um trabalho interior, de um trabalho da alma. Aquele trabalho que se subtrai ao olhar, que não necessita de elogios, não procura aprovação, mas basta-se a si mesmo e está no centro da construção da liberdade da pessoa. As bem-aventuranças são as palavras pronunciadas por um homem que

construiu com esforço e rigor a sua própria liberdade. Muito mais do que de tantos episódios manifestos e mesmo impressionantes, a liberdade de Jesus emerge da força destas palavras. Que são o fruto daquele trabalho que nos permite escapar a toda a dependência e, ao mesmo tempo, ser obedientes até à renúncia da própria vontade, até à submissão, até ao dom do nosso tempo, até à perda da nossa própria vida, protegendo um lugar interior absolutamente inatingível aos outros. Um lugar onde o que estamos a viver se torna ocasião de bem-aventurança. Estas palavras revelam a grande força, a grande autoridade de quem as pronuncia. Revelam a sua experiência interior.

Jesus não diz que basta ser perseguido para ser feliz, mas afirma que é necessário *fazer alguma coisa* da perseguição que se sofre, para que se torne motivo de bem-aventurança. Jesus não diz que basta um gesto de misericórdia ou de mansidão para se ser feliz, mas que é preciso perseverar teimosamente na misericórdia e na mansidão até as fazer tornarem-se traços constitutivos da pessoa. Jesus proclama bem-aventurado quem é manso, quem é misericordioso. Isto significa que, por detrás das palavras, há a experiência de quem perseverou em ser misericordioso, mesmo quando a misericórdia se revelava estéril, improdutivo, perdedora, e o perdão se revelava um desperdício de amor. Há a experiência de quem chegou a compreender que estas realidades bastam por si mesmas, têm valor em si, independentemente daquilo que mudam nos outros e na realidade. Ao contrário, as bem-aventuranças libertam-nos da ideia fixa que muitas vezes nos habita de mudar os outros e recordam-nos que o único sentido é transformar-se a si próprio à imagem de Jesus, que é a humanidade de Deus. Pobreza de coração e pobreza em espírito, mansidão e misericórdia são fontes de bem-aventurança porque bastam por si mesmas e porque transformam quem as vive e persevera nelas. Sim, as palavras das bem-aventuranças só pode dizê-las quem conhece este trabalho profundo e o realizou. Talvez por isso as bem-aventuranças pareçam muitas vezes tão belas e tão inatingíveis, tão elevadas e tão distantes. Porque com frequência estamos perfeitamente alheados do trabalho que as fez nascer.

Jesus não diz que basta estar em pranto para ser bem-aventurado, mas que é necessário habitarmos essa situação, atravessarmo-la e deixarmo-nos atravessar por ela, para chegar a vê-la com olhos diferentes e amigos: as bem-aventuranças são o fruto da purificação do olhar do coração, que sabe ver também situações de vida absolutamente penosas e dolorosas não só como algo de que fugir ou que

temer, mas como ocasião de humanização e de vida sensata e evangélica. Isso nasce do silêncio e do sofrimento, da luta interior e da solidão. São palavras cujo poder nasceu na sua verdade inexaurível: verdade provada pelo próprio Jesus, que viveu em si o que agora pode proclamar como assertivo e verdadeiro para todos os homens. As bem-aventuranças são uma síntese de autoridade humana e de conhecimento de Deus, de conhecimento do coração humano, ou seja, do seu próprio coração, e do coração de Deus. Por isso, Jesus pode exprimir-se com tanta autoridade mesmo sobre Deus e sobre o Reino, prometendo a consolação de Deus, a sua misericórdia, a sua intimidade, a sua comunhão, a quem vive em tal plenitude e profundidade aquelas situações. Nas bem-aventuranças, o coração do homem e o coração de Deus encontram-se, o coração do humano torna-se revelador do coração de Deus e o coração de Deus é narrado pela profundidade do coração de um homem, do homem Jesus que nos recorda que a santidade é a radical humanidade. Um salmo diz: “Virá um homem de coração profundo e Deus será exaltado” (Sl 64, 7-8 LXX). As bem-aventuranças dizem-nos que esse homem já veio.

As bem-aventuranças como ensinamento

Avizinham-se de Jesus os seus discípulos e ele, tomando a palavra, ensinava-os dizendo: “Felizes os pobres em espírito...” (Mt 5, 1-2). Jesus ensina. As bem-aventuranças são antes de mais um ensinamento na boca de Jesus.

O ensinamento é transmissão de vida e nasce de uma experiência, do vivido. Jesus comunica aos discípulos aquilo que viveu, que não é simplesmente o acontecido, mas foi elaborado, revivido interiormente, pensado e posto diante de Deus. O vivido não é verdadeiramente vivido, mas antes revivido no coração, na mente, no ânimo. Não basta chorarmos ou sermos perseguidos para sermos bem-aventurados. Para dizer que são “felizes” os pobres ou os mansos ou os perseguidos e para aumentar a motivação, “porque”, é necessário ter vivido não só exteriormente, mas também interiormente. O homem não vive de factos, mas de história, não vive de crónicas, mas de narrações. Dizer “felizes” e acrescentar “porque” implica um trabalho interior e espiritual que forjou uma competência, um

saber e uma sapiência. Forjou um homem livre, que sabe fazer alguma coisa de positivo também de situações de pranto, de dor, de fadiga.

Ensinar é indicar um caminho a seguir, a percorrer. E, assim, as bem-aventuranças são um convite e um encorajamento: vós, pobres; vós, misericordiosos; vós, aflitos; vós, perseguidos; vós, mansos: não desanimeis, mas caminhai, prossegui o caminho, andai para diante, mantende o olhar fixo na meta, deixai-vos atrair por aquilo que tendes à frente e não vos deixeis travar por aquilo que está para trás, caminhai continuando a seguir o Cordeiro, Cristo, diz o Apocalipse, caminhai na esperança, isto é, entrando na tensão dinâmica entre aquilo que hoje sois e aquilo que sereis amanhã, diz a 1.^a Carta de João, caminhai fazendo fé nestas palavras de Jesus que abrem um horizonte de vida, diz o evangelho. Este caminho de felicidade é o caminho para o essencial, para a simplicidade. Fr. Roger de Taizé expressou muito bem o carácter próprio deste caminho das bem-aventuranças: “Aquilo que torna feliz uma existência é avançar em direcção à simplicidade: a simplicidade do nosso coração e a da nossa vida. Para que uma vida seja bela, não é indispensável ter capacidades extraordinárias ou grandes possibilidades: o humilde dom de si próprio torna feliz.”

Ensinar é também prometer. É pôr à frente um futuro, é antecipar aquilo que poderá ser, ou melhor, oferecer agora as condições para aquilo que poderá ser verdadeiro amanhã. As bem-aventuranças, como promessa de felicidade, são convite à beleza, a trabalhar a própria vida até fazer dela uma obra-prima. Mas ainda mais do que de felicidade, o homem tem necessidade de sentido, e as bem-aventuranças, como promessa, atestam que se pode encontrar sentido até no absurdo da dor, que o mundo pode ser vivido até no invisível da perseguição, da violência sofrida, de situações de guerra e não de paz. Revelações do vivido por Jesus, as bem-aventuranças tornam-se revelações da vida possível a nós, se encontrarmos raízes na humanidade de Jesus. Então compreendemos que mesmo perseguições e aflições, ausência de paz e falta de justiça, maldade e ausência de santidade, são situações que podem abrir à bem-aventurança, ensinando a realizar a paz, a usar a misericórdia, a viver na mansidão, a criar beleza.

As bem-aventuranças, como ensinamento na boca de Jesus, ensinam-nos que se trata, para quem quer escutá-lo, de um ensinamento na realidade, ensinam-nos a aprender da própria realidade, mesmo da realidade dolorosa e amarga, como

tantas vezes fez o próprio Jesus, o homem das parábolas. E como os poetas compreendem melhor do que os teólogos e exegetas, escreve uma grande poetisa, Emily Dickinson:

*Water, is taught by thirst.
Land – by the Oceans passed.
Transport – by throe –
Peace – by its battles told –
Love, by Memorial Mold –
Birds, by the Snow.*

*A água aprende-se pela sede.
A terra, pelos oceanos navegados.
O êxtase, pela dor
A paz, pelas batalhas narradas
O amor, pela impressão na memória
As aves, pela neve.*

O ensinamento de Jesus não é moralista, mas poético, e tende a criar pessoas humanas e santas, não santas de uma santidade desumana, mas humanamente santas. E tende a criar pessoas não individualistamente santas, mas comunalmente santas. É na unidade e na comunhão dos cristãos que resplandece a santidade. E, assim, o ensinamento de Jesus nas bem-aventuranças é também uma alfinetada para as igrejas divididas e separadas. A Igreja Católica, quando celebra a festa da comunhão de todos os santos do céu e da terra, proclama o evangelho das bem-aventuranças segundo Mateus. Com efeito, celebrar a comunhão de todos os santos do céu e da terra é fazer memória da igreja *una e santa*, igreja que consiste precisamente na *communio sanctorum*. A comunhão como santidade, a santidade como comunhão.

Jesus e a felicidade humana

Jesus: um homem feliz?

Jesus foi um homem feliz? Viveu uma vida feliz? Perseguiu a felicidade no seu viver? Perguntas que soam estranhas. E para as quais se pode tentar encontrar uma primeira resposta balbuciante recordando que, se Jesus – como referem os evangelhos – experimentou angústia e medo, tristeza e amargura, ira e desdém, também soube, porém, alegrar-se e exultar. Homem, experimentou as emoções humanas. E até as exprimiu. Jesus chorou, dizem-nos os evangelhos. E Jesus também se riu? Isso os evangelhos não dizem. É uma tradição frequentemente repetida (e mencionada já por João Crisóstomo) afirma que “Jesus nunca se riu”. Daqui surge a interrogação de como foi a sua presença “convivial” (amplamente atestada pelos evangelhos) e, em particular, a sua participação em banquetes nupciais. Jesus conheceu a beleza e a alegria da *mesa partilhada* e da *amizade*, do querer bem também a pessoas que não faziam parte do grupo dos Doze (“Jesus era muito amigo de Marta, da sua irmã e de Lázaro”: Jo 11, 5). Claro que, se Jesus era solteiro, não experimentou a felicidade de ter a sua própria família, de gerar filhos e de amar uma mulher. Toda a experiência humana é parcial e a experiência do amor e

da felicidade acontece numa parcela: nós, humanos, experimentamos o todo (do amor) e a plenitude (da felicidade) na parcela. Mas não é seguro que, revendo todas as possíveis experiências de felicidade que o homem conhece e aplicando-as a Jesus, possamos encontrar uma resposta à nossa interrogação. Que requer um outro percurso e que deve ater-se a quanto dizem os evangelhos, sem tentar completar com a fantasia o seu não dito.

Felicidade e filialidade

A felicidade de Jesus está ligada ao seu *pertencer ao Pai*, ao seu viver no espaço do Pai (Lc 2, 49). A consciência da sua *filialidade* acompanhou o seu caminho humano e articulou a sua oração. A etimologia do termo “felicidade” remete para uma raiz indo-europeia, *fe*, que designa *fecundidade* e que se encontra nas palavras *femina*, *fetus*, *ferax*. *Gerar*, *dar frutos*, são imagens relativas à felicidade. Mas também *nutrir*: *filius* deriva do verbo *felo*, que significa nutrir. E se formos para o campo semântico da felicidade expressa numa língua semita como o hebraico (ou o aramaico, a língua de Jesus), deparamos igualmente com imagens de fecundidade e de abundância, de fertilidade e de vida de paz, no sentido amplo e profundo do bíblico *shalom*. Aliás, “[a felicidade] não se *tem*, mas *está-se* nela. A felicidade não é o ser circuncidado, o ‘estar dentro’, como um tempo no seio da mãe” (Theodor W. Adorno). O grito de júbilo de Jesus é dirigido ao Pai (Lc 10, 21-22; Mt 11, 25-27) e canta a inefável relação que o une a ele, ao *Abba* a quem sempre se dirigiu alimentando com ele uma relação de intimidade que lhe deu força, descanso, discernimento, consolação e refúgio. Jesus reconhece a fonte da sua felicidade na relação com o Pai que fecundou a sua vida, mas Jesus viveu a felicidade também fecundando a vida dos outros: curando, perdoando, pregando, escutando. O próprio Jesus disse: “A felicidade está mais em dar do que em receber” (Act 20, 35). Se a filialidade divina que Jesus vive o faz experimentar a *felicidade como dom e como graça*, o seu dar fecundidade à vida de outras pessoas é *felicidade como virtude, como acto com valor ético*, como pró-existência, como dedicação. E é um dar felicidade a outros.

Gratuidade e gratidão

A consciência da relação com o Pai Criador e Senhor é a base da atitude de *contemplação* com que Jesus se coloca perante o mundo e as criaturas (cf. Mt 6, 25-34): a bem-aventurança de Jesus é também expressa por esta atitude de respeito radical pelas coisas e pelo mundo e de recusa do consumo e da prevaricação. A felicidade de Jesus declina-se assim como *comunhão* e assenta na consciência de que o mundo e os homens são para ele dom do Pai. E exprime-se como *gratidão*. Louvor, benção e dar graças são linguagem de Jesus não apenas pontual, que nasce por exemplo perante episódios ou acontecimentos particulares, mas caracterizam a sua atitude espiritual ao confrontar toda a realidade. E a gratidão, a atitude eucarística, é elemento decisivo para discernir a felicidade. “A única relação da consciência com a felicidade é a gratidão” (Theodor W. Adorno). Estamos gratos por sermos felizes.

Felicidade como ascese

Para Jesus, a felicidade é também *ascese* e capacidade de *renúncia*, recusa das ilusões de felicidade inerentes à idolatria, isto é, à cupidez, à compra insensata de bens, à violência, à mentira (cf. Mt 5, 20ss.). Esta ascese tende para o essencial, para a pureza de coração, e protege a *liberdade* do homem, o seu não deixar-se dominar pelos ídolos do coração, e sustenta o sentido de integridade pessoal e a serenidade, tão essenciais para a felicidade. Deste modo, Jesus aparece também como *mestre de felicidade*: ele indica ao homem o caminho para a felicidade. Neste sentido, pode-se recuperar a tradução (na verdade, mais cativante do que convincente) das bem-aventuranças feita por André Chouraqui. Em vez de “feliz/bem-aventurado”, ele traduz por “*en marche*” (a caminho!, avante!). Para lá da plausibilidade filológica, é interessante o dinamismo de que a expressão se tingem. A consciência da sua pertença ao Pai tingem a liberdade de Jesus também com a dimensão da exigência profética que o leva a lançar-se contra quem desfruta e oprime o próximo, contra toda a forma de hipocrisia e de mentira. Jesus não

tolera os atentados à dignidade da pessoa humana e procura restituir as condições para uma vida plena a quem dela foi privado.

O dom de si

Na sua fé e relação pessoal com o Pai ele integra na felicidade também *a experiência do sofrimento e da dor*. O *dom da vida como segredo da felicidade* da existência leva-o a dar sentido também a tantas situações dolorosas ou contraditórias. Se a felicidade reside na doação de si e na confiança recíproca, ela comporta inevitavelmente também dimensões de sofrimento. *Dar vida é também dar a vida, perdê-la, morrer*. E Jesus, segundo Lucas, vive a confiança no Pai também no momento supremo da morte: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23, 46). Jesus mostra ter tido uma razão de viver e, portanto, também uma razão pela qual morrer, pela qual dar a vida. Longe de ser um evitar o sofrimento, a felicidade vivida e ensinada por Jesus implica o dom da vida. E centra-se mesmo na categoria do *dom*. Dom de tudo o que Jesus recebeu de Deus, dom de todo o seu ser que ele faz aos homens. E esta simplificação da vida como dom é a felicidade vivida e ensinada por Jesus.

A felicidade no amor

Sintetizando a inteira vontade de Deus no amor (Mt 22, 34-40, Jesus perseguiu o amor no seu viver, procurou amar Deus e os homens. *E o amor é experiência ética e estética, de bondade e de beleza, na qual Jesus encontrou a sua felicidade*. E, se a beleza é promessa de felicidade, o agir “belo” e gratuito de Jesus é antecipação de felicidade futura. A sua prática de encontro com os humanos, prática de cura e de perdão que culmina na sua morte e ressurreição, torna-se anúncio do Reino, abertura do futuro para quem dele foi privado, dom de esperança para quem no hoje não entrevê nem sentido nem felicidade. Torna-se, graças ao Espírito Santo, dom da filialidade divina a cada homem.

Luciano Manicardi. Lisboa, 20-21 Outubro 2012